

Reflexões Preliminares Sobre o “Futebol Moderno”:

Dominação e Resistência¹

Felipe Tavares Paes LOPES²

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa mais ampla sobre o processo crescente de elitização, militarização e midiaticização do espetáculo futebolístico, que caracteriza o chamado “futebol moderno”. Mais exatamente, descreve e discute as relações de dominação estabelecidas e sustentadas por esse processo, bem como algumas práticas que buscam transformar essas relações. Para isto, assumi a definição de dominação de John B. Thompson. Entre outras coisas, mostrei que o referido processo tem contribuído para excluir o torcedor pobre do espetáculo futebolístico e reforçado a posição de dominação da televisão sobre os demais atores do universo do futebol. Também mostrei que se tem adotado um modelo panóptico de controle do torcedor, que reforça a dominação do Estado sobre ele.

Palavras-chave: futebol moderno; elitização; militarização; midiaticização; dominação.

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa mais ampla sobre o processo crescente de elitização, militarização e midiaticização do espetáculo futebolístico, que caracteriza o chamado “futebol moderno”. Em tal pesquisa, objetivo, em primeiro lugar, analisar e comparar os discursos que circulam na mídia esportiva e em blogs e redes sociais de jovens torcedores/ativistas sobre o referido futebol. Em segundo lugar, objetivo (re)interpretar esses discursos à luz das relações de dominação estabelecidas e sustentadas pelo processo em questão. Mais exatamente, busco compreender se os referidos discursos podem representar uma forma de resistência a essas relações. Da mesma forma, busco compreender se eles podem ser considerados ideológicos, contribuindo para estabelecer e sustentar as relações de dominação em questão. Neste texto, todavia, limitei-me a apresentar e discutir essas relações e apontar para algumas práticas que buscam transformá-las.

Para tanto, assumi a concepção de John B. Thompson (2002, p. 80) de dominação. Segundo o autor, uma situação pode ser descrita como sendo de dominação quando ela é produzida ou reproduzida por relações de poder que são sistematicamente assimétricas, ou

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UNISO, email: lopesftp@gmail.com

seja, quando há “grupos particulares de agentes [que] possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito.” O enfoque nas relações de dominação deve-se aqui ao fato de eu considerar que, apenas interrogando incessantemente essas relações, é possível “decifrar a realidade” do processo em questão (IBAÑEZ, 2005).

Além de permitir essa “decifração”, esta pesquisa se justifica pela relevância e premência do debate acerca do processo de elitização, militarização e midiaticização do espetáculo futebolístico. Afinal, trata-se de um processo que não apenas envolve o principal esporte do país, com enorme importância para nossa cultura popular e vida social, mas que possui uma série de implicações econômicas, políticas e sociais. Esta pesquisa também se justifica porque ela aborda o papel do movimento de oposição a esse processo, abordando um aspecto ainda muito pouco explorado pela literatura científica, conforme pude comprovar em revisão bibliográfica realizada em seis bases de dados³.

Uma vez justificada a pesquisa, cabe, agora, apresentar a organização do texto. Ele foi organizado em quatro partes. Na primeira delas, enfoquei o processo de elitização do espetáculo futebolístico. Na segunda, seu processo de militarização. Na terceira, seu processo de midiaticização. E, na quarta e última, algumas práticas de resistências a esses três processos.

Elitização do Espetáculo Futebolístico e Seus Efeitos de Dominação

O futebol é inegavelmente o esporte mais popular de todo o planeta. “Nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol.” (GIULIANOTTI, 2002, p. 7). Sem sombra de dúvida, esse enorme poder de atração converteu o futebol em um produto valiosíssimo na economia capitalista. Hoje em dia, trata-se de um dos grandes carros-chefes da indústria do entretenimento e de um tema central de diversos apelos publicitários. Não à toa, cada vez mais, clubes e federações investem em ações de marketing para criar e estimular motivações de consumo, ampliando, assim, suas formas de arrecadação. Conforme destaca Marcos Alvito (2006), o futebol tem sido utilizado para vender os mais diversos produtos,

³ No banco de teses da CAPES (<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>), na biblioteca eletrônica “A Scientific Electronic Library Online – Brasil” (www.scielo.br), no Google Acadêmico (<http://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR>), nos sites das bibliotecas da USP (<http://dedalus.usp.br>), da PUC-SP (<http://biblio.pucsp.br>), da UNICAMP (<http://www.sbu.unicamp.br/>).

tais como jogos eletrônicos, revistas especializadas, álbuns de figurinhas, roupas, toalhas, relógios, lençóis de cama, bonecos, canecas e canais *pay-per-view*.

Esta transformação do futebol em um meganegócio tem trazido consequências significativas para a produção, transmissão e recepção do espetáculo futebolístico, sendo que uma das mais significativas é a elitização desse espetáculo. Esta é, ao mesmo tempo, produzida e produtora da configuração dos novos estádios de futebol, chamados agora de “arenas”. O caso do Maracanã, que passou por sucessivas reformas, é ilustrativo. Primeiro, fechou-se seu mais emblemático setor: a geral. Setor que, tradicionalmente, abrigava as classes populares. Depois, encadeiraram-se todos os seus setores. E, finalmente, eliminou-se o vão entre seus dois patamares, reduzindo, ainda mais, sua capacidade. Evidentemente, essa redução tornou os assentos um recurso mais escasso, elevando o preço dos ingressos. Aumento que também foi registrado em outros estádios brasileiros. Prova disto é que, segundo pesquisa realizada pela Pluri Consultoria, publicada no site da Universidade do Futebol (www.universidadedofutebol.com.br), o preço médio dos ingressos mais baratos praticados pelos clubes que disputaram a Série A do Campeonato Brasileiro de 2012 subiu 300% em relação aos 10 anos anteriores. Inclusive, em termos proporcionais à capacidade de consumo da população, tal preço foi o mais caro das 16 ligas mais importantes de futebol daquele ano.

Hoje em dia, os estádios da primeira divisão do Campeonato Brasileiro tendem a possuir diversas áreas exclusivas e, portanto, excludentes. Não à toa, para Flávio Campos (2014, p. 358-359), trocaram-se “os pontos cegos dos estádios – aqueles lugares dos quais a visão de determinadas partes do campo é prejudicada ou impossibilitada – por pontos cegos sociais – segmentos sociais que não devem mais ser vistos entre os torcedores”. Neste contexto de elitização do futebol, assistimos a uma tentativa deliberada de transformar a atividade de torcer numa experiência similar à produzida em espaços sociais tipicamente burgueses – como as casas de ópera (GIULIANOTTI, 2002). Assim como ocorre nessas casas, o público desejado passou a ser aquele que acompanha o futebol de forma passiva e distanciada, “[...] mais preocupado com o aplauso e com a fruição estética das jogadas de efeito do que com a emulação da vitória, quesito gerador, como se supõe, de rixas e dissensões” (HOLLANDA, 2014, p. 344).

Diante disto, podemos afirmar que, ao aproximar a experiência de assistir a uma partida de futebol àquela vivenciada numa casa de ópera, a elitização do espetáculo futebolístico, ao mesmo tempo em que a mantém o torcedor pobre em uma situação de

dominação, excluindo-o dos estádios, mina uma tradição específica de torcedor, que valoriza a festa nas arquibancadas e pressupõe a formação de massas compactas e fervilhantes.

Militarização do Espetáculo Futebolístico e Seus Efeitos de Dominação

Paralelamente à elitização do espetáculo futebolístico, assistimos à militarização desse espetáculo. Não à toa, Richard Giulianotti (2002) observa que, cada vez mais, os estádios de futebol assemelham-se à figurada arquitetura do Panóptico, proposta, no final do século XVIII, pelo filósofo Jeremy Bentham e discutida, posteriormente, por Michel Foucault (1975/2013, p. 190). De acordo com este último, o princípio de tal figura é o seguinte:

na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas; cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.

Desde as discussões feitas por Foucault (2013) da figura do Panóptico, esse modelo de vigilância tem sido utilizado como uma metáfora recorrente de técnicas modernas de controle social, já que, na chamada “sociedade disciplinar”, as pessoas estariam submetidas a um estado permanente de visibilidade, que reforçaria o exercício do poder sobre elas. Evidentemente, não é nosso objetivo aqui discutir se a noção de Panóptico fornece, de fato, um modelo de controle generalizável para os nossos dias, mas apenas indicar que esse modelo de controle se faz presente no espetáculo futebolístico, na medida em que o torcedor é visto como um criminoso potencial, que deve ser isolado, individualizado e permanentemente vigiado.

No Brasil, há mais de trinta anos, por exemplo, as torcidas adversárias são separadas nas arquibancadas, chegam por vias diferentes e entram por diferentes portões. No estádio, além de não poderem circular livremente pelos diversos setores, são segmentadas por grades, cordões de isolamento e barreiras de policiais, que funcionam como um elemento inibidor (PIMENTA, 1997). Outra medida que também vem sendo adotada há muito tempo nos estádios brasileiros é a revista antes da entrada. Esta é feita pela Polícia Militar e visa apreender materiais considerados perigosos. Também é feito pela Polícia Militar um controle na parte externa do estádio, a fim de impedir a entrada de torcedores sem ingresso.

Além disso, o monitoramento do público por imagem está previsto no Estatuto de Defesa do Torcedor. Segundo a redação dada pela Lei 12.299/10 (BRASIL, 2010), que modificou o referido estatuto, “os estádios com capacidade superior a dez mil pessoas deverão manter central técnica de informações, com infraestrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente”. Hoje em dia, está em pauta, até mesmo, a instalação do controle biométrico nos estádios. A fim de se evitar a formação de massas compactas e fervilhantes, também se tem, conforme já foi dito, reduzido ou eliminado os setores em que torcedores permanecem em pé.

Esta insistência no controle panóptico dos torcedores parece ignorar as críticas feitas por diversos sociólogos aos modelos de segurança que apostaram nesse tipo de controle. Eric Dunning (2013), por exemplo, nos recorda que as maiores tragédias do futebol britânico ocorreram durante o governo da Margaret Thatcher, nos anos 1980, quando já se empregava diversas técnicas de vigilância panóptica (como o monitoramento do público por imagem) e quando a repressão ao hooliganismo chegava ao seu ápice. Também parece ignorar outras estratégias de prevenção da violência, mais inclusivas e democráticas, que reconhecem o valor positivo da festa nos estádios e que fortalecem o diálogo com o torcedor. A Bélgica, por exemplo, optou pela inclusão dos torcedores vistos como “problemáticos” na construção das estratégias de prevenção da violência. Para tanto, criou espaços onde eles pudessem apresentar seus problemas e buscar soluções. Entre outras coisas, investiu em terapias individuais e grupais, em acompanhamento em processo de busca de emprego, em capacitação profissional e na elaboração conjunta de normas de condutas (TREJO; MURZI, 2013).

Já a Alemanha, desde o início dos anos 1980, tem apostado nos chamados “Projetos Torcedores” (*Fan Projekts*, em alemão). Além de realizar trabalhos educativos contra a intolerância no futebol e oferecer o devido apoio psicossocial aos torcedores considerados

“problemáticos”, os assistentes sociais e educadores desses projetos têm buscado mostrar os interesses dos jovens torcedores para as autoridades públicas e esportivas e trazê-los, de forma construtiva, para o debate. Graças a esse trabalho de moderação, tem-se tornado cada vez mais frequente a integração de grupos de torcedores nos processos de planejamento dos estádios alemães (GABRIEL, 2013). Além de ignorar esse e outros trabalhos de prevenção da violência, a insistência no controle panóptico dos torcedores tem contribuído para construir um espaço fortemente administrado, reforçando a dominação do Estado sobre os torcedores de uma forma geral.

Midiatização do Espetáculo Futebolístico e Seus Efeitos de Dominação

Outro processo que caracteriza o chamado “futebol moderno” é o de midiaticização do espetáculo futebolístico, que implica o aumento do poder conferido à televisão e o consequente fortalecimento de sua posição de dominação no campo esportivo. Atualmente, a televisão é a principal forma de vender o “produto-futebol”. Além de pagar cifras milionárias pelos direitos de transmissão, ela serve para colocar em evidência os patrocinadores, gerando contratos mais rentáveis aos clubes. Ao enxergarem na televisão um enorme potencial de lucro, clubes e federações têm se rendido, cada vez mais, aos interesses das emissoras, que, entre outras coisas, definem os horários dos jogos. Nas palavras de Heloisa Baldy dos Reis e Thiago Escher (2005, p. 27),

o que verificamos atualmente é uma total submissão do futebol aos interesses comerciais da televisão. Como esta é a principal fonte de renda para os clubes, por meio das cotas televisivas, o futebol acaba subordinando-se aos interesses da “telinha”. Os jogos são marcados conforme o interesse das emissoras, os campeonatos são feitos para alimentar uma cultura de assistência esportiva televisiva e até nas escalações dos times de futebol as emissoras parecem se intrometer.

Na Espanha, tem-se cogitado, inclusive, mudar o horário dos jogos em função do mercado asiático. Ávidos por ampliar o número de “torcedor-consumidores”, representantes das emissoras e dirigentes de clubes, como o Real Madrid, propuseram transferir os jogos das noites de sábado e domingo para as três da tarde, horário estranho ao torcedor espanhol. Este é outro exemplo bastante ilustrativo de como os interesses da televisão têm influenciado os rumos do esporte e de como o torcedor que realmente possui valor para o clube é aquele que consome. Pouco importa os desejos e anseios do torcedor espanhol se agora o distante torcedor da Ásia pode render mais.

No Brasil, os horários impostos nos jogos do meio da semana terminam próximo à meia noite, horário em que praticamente não há mais transporte público na maior parte das cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, por exemplo,

os trens param às 22h, o metrô (a não ser em jogos especiais) às 23h e em jogos de determinadas equipes as empresas de ônibus adotavam um esquema “especial”: mudavam seu itinerário ou retiravam seus carros, fazendo com que o GEPE tivesse que lidar com milhares de torcedores irritados e preocupados com a volta para a casa (ALVITO, 2014, p. 41).

Assim como na Espanha, aqui, pouco importa se os torcedores serão prejudicados e se polícia terá de enfrentar um enorme problema de segurança pública. Esses prejuízos trazidos ao torcedor, todavia, não têm sido absorvidos acriticamente. Pelo contrário, têm gerado críticas e protestos.

Práticas de Resistência à Elitização, Militarização e Mdiatização do Espetáculo Futebolístico

Na Europa, os ultras têm assumido uma posição de protagonistas na luta contra o “futebol moderno”. Estes têm utilizado os mais diversos espaços para veicular o lema *Against Modern Football* (“Contra o Futebol Moderno”): murais, panfletos, fóruns na internet, tatuagens no corpo etc. Em tal contexto, o termo “moderno” não se refere, evidentemente, ao formato que o esporte adquiriu nas escolas públicas e universidades inglesas no século XIX. Não se trata de uma reivindicação pela volta dos jogos populares com bola da Idade Média. Mas, conforme já antecipei, de lutar contra a transformação do futebol num meganegócio. Venda do nome dos estádios para multinacionais, mudanças nas cores das camisas por motivos comerciais, atletas transformados em celebridades, implementação de novos dispositivos de controle dentro e fora dos estádios, aumento do preço dos ingressos, submissão aos interesses dos meios de comunicação, tudo isto é objeto de ampla contestação.

Certamente, uma das principais reivindicações do movimento contra o “futebol moderno” é a manutenção de uma tradição específica de torcer, que busca transformar o espetáculo futebolístico numa experiência estética extremamente estimulante. Não à toa, um dos slogans mais utilizados pelo referido movimento é: *Pyro is not a crime!* (Pirotecnia não é crime!). Não à toa, as associações independentes de torcedores ingleses lutam, há anos, pela volta dos *terraces* (setores de pé, em inglês) nos estádios do país. Na Alemanha,

a manutenção desses setores é invejada por torcedores de toda a Europa. Tais setores (e, também, os preços acessíveis dos ingressos) contribuem para criar uma atmosfera vibrante e atrativa e lotar os estádios. Inclusive, a chamada “muralha amarela” – formada nos jogos do *Borussia Dortmund*, pelos cerca de vinte e seis mil torcedores que ocupam o setor sul do *Westfalenstadion* (atual *Signal Iduna Park*) – é considerado, hoje em dia, um dos maiores símbolos do futebol alemão. A manutenção dos referidos setores, todavia, foi o resultado de um longo processo de negociação, que envolveu várias disputas entre torcedores, assistentes sociais, dirigentes esportivos e autoridades públicas.

No Brasil, já existe uma associação que luta contra o “futebol moderno”: a Frente Nacional dos Torcedores (FNT). No entanto, embora não deixe de ser um importante ator no universo do futebol, essa associação ainda é bastante incipiente, com uma esfera de ação limitada (LOPES, 2012). Além dessa associação, diversas torcidas organizadas e movimentos populares de torcedores têm se posicionado contra o processo de elitização, militarização e midiaticização do futebol brasileiro. Por exemplo, a torcida Setor 2, do Juventus, um pequeno e tradicional clube paulistano, tem, entre outras coisas, combatido um ambicioso projeto da diretoria do clube de transformação de seu pequeno e histórico estádio – a Rua Javari – em uma moderna arena, com capacidade para 20 mil pessoas, no padrão FIFA. Afinal, no discurso de seus integrantes, o time deve se manter do jeito que ele é: modesto, tradicional e não midiaticizado (<http://www.resenhagol.com/odio-eterno-ao-futebol-moderno/>).

Conforme nos sugere esse discurso, a luta contra o “futebol moderno” pressupõe uma visão romântica, idealizada e saudosista do futebol, que, normalmente, inclui, também, reivindicações pela volta dos “valores viris” do futebol. Uma rápida busca em sites, blogs e fóruns de discussão já é bastante reveladora. Por exemplo, vários textos e mensagens lamentam que, hoje em dia, a Copa Libertadores da América não seja mais a mesma. Esta teria perdido sua “essência”, pois as antigas “batalhas” dentro e fora de campo não seriam mais vistas com tanta frequência. Tratar-se-ia agora de um torneio “enlatado” (sic.) – feito sob medida para a mídia e de “fácil digestão para os estômagos fracos” (sic.). Não raro, é possível ler mensagens que clamam pela volta do “jogador malandro” (sic.), aquele que não é “estrela” (sic.) e que “não foge do pau” (sic.), que dá carrinho, soco e pontapé, se preciso. Ou, ainda, que celebram o “antigo e verdadeiro torcedor”, aquele capaz de aguentar a todas as adversidades: que não váia, não para de cantar e festejar e não se intimida diante das ameaças da torcida adversária ou da polícia. Neste contexto, a capacidade de aguentar as

adversidades opera como um elemento de distinção social, ou seja, ele diferencia hierarquizando (BOURDIEU, 1988). Trata-se, em última instância, de uma valiosa ferramenta para a obtenção de capital simbólico.

Tal capacidade costuma ser celebrada em cantos e bandeiras. Ao analisar o contexto argentino, Jose Garriga Zucal (2006) indica que os integrantes das *barras* (principal movimento de arquibancada local) são guiados por um princípio de “masculinidade agressiva”, que valoriza justamente a tolerância à dor. Tal princípio pode ser expresso de diversas formas: através das longas viagens para acompanhar o clube apoiado, através da ingestão de drogas ou de altas doses de bebida alcoólica ou, ainda, através da participação em combates corporais contra torcedores adversários ou contra a polícia. Não à toa, o ideal de corpo (masculino) de tais integrantes é o corpo robusto, gordo e marcado. Afinal, a robustez é vista como uma poderosa arma em tais combates. Já a gordura opera como um signo da capacidade de aguentar a ingestão de litros e mais litros de cerveja e vinho. Por sua vez, as cicatrizes representariam uma prova da participação em combates corporais. Quanto maiores, mais valorizadas elas são. Assim, ao mesmo tempo em que é uma ética (“é preciso aguentar a dor”), esse ideal de “masculinidade agressiva” é, também, uma estética (ALABARCES, 2012).

Uma estética que permite a reprodução de uma tradição específica de torcer. Tradição que está intimamente ligada a uma cultura juvenil, que valoriza a paixão, a dedicação e o risco (TEIXEIRA, 2004). Cultura que expressa, conforme acabei de indicar, um princípio de “masculinidade agressiva”, que frequentemente alimenta os confrontos no futebol. Sendo assim, a pergunta que se coloca é: até que ponto o engajamento político e cultural dos integrantes do movimento contra o futebol moderno pode ser lido como um ato de resistência contra-hegemônico, que coloca em xeque o modelo socialmente autorizado de consumir o futebol? Ainda que se contraponha a uma apropriação do futebol asséptica e individualista, será que esse engajamento também não constitui um exercício de dominação no interior dos grupos dominados, cumprindo uma agenda política de exclusão simbólica de outras formas de masculinidade? Estas perguntas nortearão os próximos passos da pesquisa aqui apresentada.

Referências bibliográficas

ALABARCES, P. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

ALVITO, M. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, v. 41, n. 179, p. 451-474, 2006.

_____. A madeira da lei: *gerir* ou *gerar* a violência nos estádios brasileiros? In: HOLLANDA, B. B.; REIS, H. H. B. (Orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras; 2014, p. 37-54.

BOURDIEU, P. **La distincion**: criterios y bases sociales del gusto. Madrid: Taurus, 1988.

BRASIL. **Lei n° 12.299**, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei n° 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm>. Acesso em: 12 abr. 2011.

CAMPOS, F. Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. (Orgs.). **Futebol objeto**. São Paulo: Leya, 2014, p. 349-364.

DUNNING, E. **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2013.

GABRIEL, M. 20 years of KOS 20 years of advice, dialogue and networking. In: GABRIEL, M; SELMER, N; THALER, H. (Orgs.). **Fan work 2.0**: future challenges for the pedagogical work with football fans. Frankfurt: Imprenta, 2013, p. 27-41.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOLLANDA, B. B. B. de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

IBAÑEZ, T. **Contra la dominación**. Variaciones sobre la salvaje exigencia de libertad que brota del relativismo y de las consonancias entre Castoriadis, Foucault, Rorty y Serres, Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

LOPES, F. T. P. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 589 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, H. H. B. dos.; ESCHER, T. A. Futebol e televisão: fechem os portões, liguem as câmaras – o show vai começar! **Conexões**, v.3. n. 1, p. 26-35, 2005.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TREJO, F. S. M.; MURZI, D. Alternativas europeas comparadas de gestión de la seguridad y la violencia en los estadios de fútbol: tres enfoques y aplicaciones diferentes. ¿Qué se puede aprender? In: ZUCAL, J. G. (Comp.) **Violencia en el fútbol:** investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: EGodot Argentina, 2013, p. 267-296.

ZUCAL, J. G. **Nosotros nos peleamos:** violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.